



Iluminação Cênica: Empresas, Equipes e Profissionais no Brasil

Rosana Aparecida Pimenta, Berilo Luigi Deiró Nosella,
Thamiris Calegari Rodrigues, Thatiane Christina Soares Alves,
Ana Júlia Toste Blasques

Para citar este artigo:

PIMENTA, Rosana Aparecida. NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. RODRIGUES, Thamiris Calegari. ALVES, T. C. S. BLASQUES, A. J. T. Iluminação Cênica: Empresas, Equipes e Profissionais no Brasil. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v. 1, n. 1, jul. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669010120210303>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Iluminação Cênica: Empresas, Equipes e Profissionais no Brasil


Rosana Aparecida Pimenta¹
Berilo Luigi Deiró Nosella²
Thamiris Calegari Rodrigues³
Thatiane Christina Soares Alves⁴
Ana Júlia Toste Blasques⁵

Resumo


O presente artigo se propõe a apresentar as questões centrais e algumas hipóteses parciais de uma pesquisa em andamento de mapeamento dos profissionais: iluminadores, *light designers*, operadores de luz e eletricitistas que atuam na Iluminação Cênica no Brasil. O objetivo da pesquisa é realizar um reconhecimento minucioso para entender quem são os profissionais da luz para a cena e se obtiveram formação específica na área, buscando-se, assim, contribuir para traçar um panorama da área, aventando pistas sobre o papel dos profissionais da Iluminação Cênica em relação ao mercado de trabalho e suas condições de atuação. Ademais, pretende pautar aspectos dos contextos da formação para o desempenho das funções de Iluminador, técnico ou operador de luz, bem como a compreensão da área e suas reais demandas. Neste contexto, o artigo apresentará a proposta da pesquisa e seu desenvolvimento e resultados parciais até o momento.

Palavras-chave: Desenho Teatral. Iluminação Cênica. Visualidade da Cena.


¹ Atriz, diretora teatral, doutora em Arte e Educação (2016) e mestre em Artes (2008), é licenciada em Artes Cênicas (2001) pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – Unesp. Atualmente, ministra aulas no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFV.

✉ rosana.pimenta@ufv.br | <http://lattes.cnpq.br/7286151067308312> |  <https://orcid.org/0000-0002-1367-5280>


² Professor de Iluminação Cênica e Direção Teatral, atuando na área de Teoria, Análise e História e Historiografia do Texto e da Cena Teatral, do Curso de Graduação em Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas: mestrado acadêmico do Departamento de Artes da Cena da Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ.

✉ berilonosella@ufsj.edu.br | <http://lattes.cnpq.br/2696544764397266> |  <https://orcid.org/0000-0002-3009-9836>


³ Formada em Ballet Clássico pela Royal Academy of Dance. Mestranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de São João del-Rei, é Pedagoga pela Universidade Cidade de São Paulo e Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Dança pela Universidade Federal de Viçosa.

✉ calegarithamiris@gmail.com | <http://lattes.cnpq.br/6089027433580977> |  <https://orcid.org/0000-0003-0474-1116>

⁴ Mestranda em Artes Cênicas na Universidade Federal de São João del-Rei. Graduada em Dança Licenciatura e Bacharel na Universidade Federal de Viçosa. É professora de Arte, do Estado de Minas Gerais, professora de dança na Secretaria de Educação de Juiz de Fora.

✉ thatialves@gmail.com | <http://lattes.cnpq.br/5884251916718643> |  <https://orcid.org/0000-0001-5029-6178>

⁵ Bacharel em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Monitora-bolsista de Cinesiologia (2018), Pesquisa em Dança (2019), e atualmente monitora de Pesquisa em Dança (2020).

✉ ana.blasques@ufv.br | <http://lattes.cnpq.br/6071126650600923> |  <https://orcid.org/0000-0002-3440-5298>



Stage Lighting: Companies, Teams, Institutions and Professionals in Brazil

Abstract

This article proposes to present the central questions and some partial hypotheses of a research (in progress) of mapping professionals: lighting creators, light designers, light operators and electricians who work in Stage Lighting in Brazil. The objective of the research is to carry out a thorough recognition to understand who the light professionals are for the scene and whether specific training has been obtained in the area. It is expected to contribute to outline the area, to give clues about the role of Stage Lighting professionals in relation to the job market and their professional performance conditions. In addition, it has been guiding and discussing aspects of the training contexts for the performance of the functions of Illuminator, technician or light operator, as well as an understanding of the area and its real demands. In this context, the article will present the research proposal and its development and partial results so far.

Keywords: Stage Lighting. Scene Visuality. Theatrical Design.

Iluminación escénica: empresas, equipos y profesionales en Brasil

Resumen

Este artículo propone presentar las preguntas centrales y algunas hipótesis parciales de una investigación en curso de cartografía de los profesionales: iluminadores, diseñadores de luz, operadores de luz y electricistas que trabajan en Iluminación Escénica en Brasil. El objetivo de la investigación es realizar un reconocimiento exhaustivo para comprender quiénes son los profesionales de la luz para la escena y si se ha obtenido una formación específica en el área. Así, busca contribuir a trazar una visión general del área, siguiendo pistas sobre el papel de los profesionales de la iluminación escénica en relación con el mercado laboral y sus condiciones de desempeño profesional. Además, ha estado destacando y discutiendo aspectos de los contextos formativos para el desempeño de las funciones de Iluminador, técnico u operador de luz, así como el conocimiento del área y sus demandas reales. En este contexto, el artículo presentará la propuesta de investigación y su desarrollo y resultados parciales hasta el momento.

Palabras clave: Diseño Teatral. Iluminación Escénica. Visualidad de la Escena.



O presente artigo tanto apresenta a pesquisa de mapeamento das empresas, equipes, instituições e profissionais da Iluminação Cênica no Brasil, que vem sendo desenvolvida desde março de 2020, na Universidade Federal de Viçosa - UFV, em colaboração com a Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ; quanto já levanta questões e resultados parciais dela.

A principal motivação desse levantamento foi a necessidade de compreensão da formação técnico e acadêmica na área e suas reais demandas. Pautamos uma primeira pergunta de natureza prática, que nos levaria a problematizar a situação desse tipo de formação no Brasil. No que tange a proposição de um novo curso para a formação na área de Iluminação Cênica, o que seria mais produtivo ou proveitoso para o contexto brasileiro: cursos técnicos ou de pós-graduação? Que tipo de curso caberia ser organizado no contexto universitário? Ou ainda, seria pertinente manter pequenos cursos de extensão?

Dos elementos que compõe a Visualidade da Cena, a Iluminação Cênica enquanto área da linguagem teatral “é responsável pela construção da cena, no sentido de favorecer sua expressão estética, conceitual e formal” (CÂNDIDO, 2018, p. 21), o que é viabilizado pelo aparato técnico de cabeamento, refletores, mesa de luz, entre outros elementos.

Tendo o sol como primeira fonte de luz, a representação cênica teve sua visualidade construída desde a antiguidade clássica greco-romana, passando pela utilização do fogo até chegar na adoção da energia elétrica e sofisticação de equipamentos tais como lâmpadas, *spots* e refletores especificamente desenvolvidos para as artes da cena.

De acordo com Simões (SIMÕES 2013, p.10), a Iluminação Cênica apresenta dois aspectos elementares: efeito especial e instrumento de visibilidade. Sendo o primeiro de natureza simbólica representativa da ideia de luz - que pode remeter a uma hora ou lugar em cena. O segundo aspecto é o favorecimento da visibilidade dos elementos em cena por meio da incidência da luz. Neste projeto consideramos, ambos os aspectos como a base da linguagem da Iluminação Cênica.

Em consonância com Camargo (2012), Simões (2013) explica que a linguagem da Iluminação Teatral foi construída ao longo dos anos. Em linhas gerais, a Iluminação Cênica é uma linguagem que permite expressar ideias, conceitos e maneiras de ver e interpretar o mundo.



Já o papel do Iluminador, como responsável por idealizar e/ou operacionalizar a visibilidade da cena se deu pela necessidade de iluminar as apresentações teatrais a partir do século XV, mas principalmente no século XVI, quando as mesmas passaram a ocupar espaços fechados (SIMÕES, 2013, p. 10). Simões reitera ainda que, às vésperas do Renascimento na Itália, com a ideia da integração entre arte, ciência e técnica, se sistematiza a pesquisa e o desenvolvimento da cenografia teatral e da Iluminação Cênica. Esse desenvolvimento histórico do desenho de cena demandou da parte de arquitetos, cenógrafos e iluminadores, o estudo e desenvolvimento de diversos campos do conhecimento, como a óptica, princípios da matemática, da perspectiva na pintura, e da composição da visualidade e outros. A partir do século XIX, por exemplo, quando a luz elétrica chegou aos teatros, "(...) todas as grandes óperas passaram a ter os seus "mestres dos fenômenos físicos no teatro", "chefes de eletricitistas" e "especialistas em óptica" (SIMÕES, 2013, p. 12), como coroamento deste processo histórico e (re)definição dos conhecimentos e ofícios que envolvem o fazer da luz.

Simões (2013) afirma que a partir de então, os arquitetos e pintores deixam de ocupar a função de criadores de maquinário cênico a qual passa ser exercida por cientistas-iluminadores. Já, os mencionados mestres dos fenômenos físicos no teatro seriam os antepassados diretos dos iluminadores que conhecemos hoje.

No que tange o pensamento da Iluminação Cênica na atualidade, Nosella aborda a "dualidade de luz para ver e para expressar" (NOSELLA 2018, p. 27). Resgatando a origem da palavra teatro - como lugar de onde se vê, o professor chama a atenção para a função fundamental da luz de favorecer a visão em cena como algo essencial para a expressão cênica.

Nesse sentido, fundamenta a Iluminação Cênica nos aspectos técnicos e estéticos o que envolve a imbricação entre a visibilidade e a visualidade discutindo como a linguagem da luz comunica em cena:

[...] imbricam-se duas questões: a primeira diz respeito ao modo como o objeto é iluminado; não basta dizermos que na incidência de luz ele se torna visível, pois como ele será visto dependerá da intensidade, do ângulo, da característica dessa incidência, além da cor e sua complexa relação com as capacidades reflexivas do objeto em si; a segunda trata da maneira como a luz codificada por nosso cérebro e tornada visão é "lida" pelo filtro da cultura (NOSELLA, 2018, p. 27).



A correlação apresentada por Nosella faz referência ao encenador suíço Adolphe Appia⁶ e ao inglês Gordon Craig⁷ não apenas como pensadores do fazer teatral que contribuíram para o desenvolvimento da linguagem da Iluminação Cênica, mas por conferirem protagonismo à Luz na construção do Desenho Teatral:

É essa correlação entre os dois tipos de luz em suas funções específicas o que promove a existência de uma luz viva no espetáculo, como Appia (s.d.) propõe em A obra de arte viva, publicada originalmente em 1921. Uma luz que seja essencialmente movimento, capaz de criar no espaço cênico, no jogo com o corpo do ator em movimento, ao atuar em todo espaço, interligando-o, uma “obra de arte viva”, que seria uma obra que congrega em sua essência tempo e espaço (Appia, s.d.) fundamenta a Iluminação Cênica nos aspectos técnicos e estéticos o que envolve a visibilidade e a visualidade (NOSELLA, 2018, p. 28).

Ainda em Nosella (2018), pode-se observar o trabalho de Adolphe Appia e Gordon Craig como ponto de partida da exploração da visualidade da cena no início do século XX em meio ao surgimento das vanguardas artísticas. A presença e importância da luz na constituição artística, conceitual e política no teatro como algo mais amplo, uma estética que reflete o social no intuito de problematizá-lo. Tal movimento histórico está diretamente relacionado à constituição dos campos profissionais que compõem o fazer da iluminação no século XX e em nossos dias.

Desde então, profissionalmente a área vem crescendo e extrapolou o meio cultural e intelectual e ganha dimensão espetacular no meio comercial, seja nos musicais, no cinema, grandes shows ou mesmo em parques temáticos.

No desenvolvimento da pesquisa, com o levantamento de dados empreendido até o momento, temos observado que no Brasil, o profissional da Iluminação Cênica tem desempenhado três funções distintas, as quais: 1) Iluminador ou *Light Designer*⁸, 2) Técnico e/ou 3) Operador de luz. Temos observado que, o Iluminador ou *Light Designer* é o criador artístico,

⁶ Autor de A obra de arte viva, Adolphe Appia (1959), foi um arquiteto e encenador suíço conhecido por suas ideias a respeito da visualidade da cena a partir da espacialidade proporcionada pela cenografia, luz e movimento do ator como elemento plástico.

⁷ O inglês Edward Gordon Craig atuou como ator, encenador, cenógrafo e iluminador, tendo desenvolvido uma arquitetura cênica que sugeria a ampliação espacial a partir do uso da luz, linhas e cores refletindo o equilíbrio do espaço de representação cênica, ficou conhecido por propor e criar ambientações cênicas simbólicas e romper com o ideário realista ou naturalista das encenações de seu tempo.

⁸ O termo *Light Designer* tem sido correntemente utilizado por profissionais da área ligados à concepção e criação de luz, porém, questões fundamentais a serem debatidas na definição cultural e histórico, geograficamente diversa, quanto às delimitações desta nomenclatura no que tange às funções e formação deste profissional, vide Tudella (2012).



desenvolvedor de projetos e mapas de luz para as diversas manifestações artísticas culturais cênicas, podendo atuar nas artes cênicas e visuais criando obras e projetos para exposições em museus e galerias, ou ainda na ambientação de interiores, por vezes de natureza decorativa, em ambientes construídos, em eventos festivos internos ou externos. Esse profissional não é formado em uma área específica, dentre os nomes de reconhecidos criadores na área de iluminação, encontra-se professores universitários, profissionais sem qualquer formação acadêmica, ou ainda, com formação técnica.

Vale destacar que, entre os iluminadores que servem como referência na área acadêmica no Brasil estão a diretora, iluminadora teatral, docente e pesquisadora Cibele Forjaz Simões⁹; o premiado diretor, designer e professor pesquisador Eduardo Augusto da Silva Tudella¹⁰; o diretor, autor, iluminador teatral e professor universitário Roberto Gill Camargo¹¹; o professor pesquisador nas áreas de Iluminação Cênica e Direção Teatral Berilo Luigi Deiró Nosella¹²; além do *lighting designer* independente e autor Valmir Perez¹³. No caso dos nomes relacionados aqui, é possível constatar que além de suas criações e produções artístico-culturais realizam pesquisa científica em Iluminação Cênica.

Nossa compreensão acerca da figura do Iluminador ou *Light Designer* se ampara em princípio na Lei 6.533/1978 que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões e seu decreto 82.385/1978 que dispõe sobre as profissões de Artista e de Técnico em Espetáculos de Diversões; a Lei 9.610/1998, comumente chamada de Lei de Direito Autoral, que protege os autores no que concerne às obras concebidas por artistas, criadores, compositores, coreógrafos, entre outros que é complementado pela Lei 13.123/2015

⁹ Professora da Escola de Comunicações e Artes, do Departamento: Artes Cênicas (CAC), da Universidade de São Paulo (USP).

¹⁰ Professor Associado da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atua na área de desenho teatral com ênfase em temas como teatro-design-luz, direção teatral e teatro-cenografia.

¹¹ Professor de Iluminação e Sonoplastia na Universidade de Sorocaba (UNISO), autor de obras de referência tais como Luz e Cena: processos de Comunicação co-evolutivos (2006), baseado em sua tese de doutorado e do livro Conceito de Iluminação Cênica: processos coevolutivos (2012).

¹² Docente do Departamento de Artes da Cena (DEACE), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), coordenador do Laboratório de Iluminação do DEACE e no Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena da UFSJ.

¹³ Responsável pelo Laboratório de Iluminação do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), defendeu mestrado com a dissertação intitulada: Desenho de Iluminação de Palco: pesquisa, criação e execução de projetos (PEREZ, 2007).



que aborda o interesse por proteger a informação ou conhecimento que pode se refletir na criação materializada de objetos, produtos, obras ou cópias dos mesmos.

Nessa perspectiva, o Iluminador é um criador que pode produzir, propor, conceber obras artísticas, projetos, mapas de luz, ou qualquer outra criação da qual uma vez que ele seja o autor, detém sua propriedade intelectual. Já, de acordo com a Lei 6.533/1978¹⁴ que regula o exercício das profissões de Artista e de Técnico em Espetáculos de Diversões, há duas funções, a do artista e a do técnico:

Art. 2º - Para os efeitos desta lei, é considerado:

I - Artista, o profissional que cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza, para efeito de exibição ou divulgação pública, através de meios de comunicação de massa ou em locais onde se realizam espetáculos de diversão pública;

II - Técnico em Espetáculos de Diversões, o profissional que, mesmo em caráter auxiliar, participa, individualmente ou em grupo, de atividade profissional ligada diretamente à elaboração, registro, apresentação ou conservação de programas, espetáculos e produções.

Parágrafo único - As denominações e descrições das funções em que se desdobram as atividades de Artista e de Técnico em Espetáculos de Diversões constarão do regulamento desta lei (BRASIL, 1978).

Como se pode verificar na lei, na categoria dos profissionais das artes, para efeito de contratação ou regulação das relações de trabalho, o responsável pela luz se enquadra em ambas as funções. Mas, para entender os mecanismos de formalização das relações de trabalho no que tange à função de técnico e/ou operador de luz, é necessário consultar o quadro anexo ao Decreto nº 82.385/78, que regulamenta a Lei Nº 6.533, de 24 de maio de 1978. Ali, verifica-se a definição das funções de Técnico Cinematográfico criando a profissão de Artista e Técnico, além da função de Eletricista de Cinema:

Encarrega-se da guarda, manutenção e adequada instalação do equipamento elétrico e de iluminação do filme, distribuindo de acordo com as indicações do Diretor de Fotografia; determina as especificações dos geradores a serem utilizados. (BRASIL, 1978).

¹⁴ Esta lei não inclui os técnicos que prestam serviços às empresas de radiodifusão. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm. Acesso em: 21 abr. 2020



Na citação anterior, fica definido o papel do técnico eletricista em cinema. Atuação muito semelhante a que temos acompanhado na prática dos teatros onde se vê técnicos contratados que, via de regra, realizam a montagem e desmontagem dos mapas de luz que lhes são entregues pelas companhias, diretores ou iluminadores. O que fazem além da guarda, organização e manutenção dos equipamentos. Essas contratações podem ser fixas ou temporárias, dependendo da estrutura da casa.

Alguns teatros têm equipes inteiras destinadas a essa atividade, é o caso do Teatro Municipal de São Paulo que sob a coordenação de Valéria Lovato¹⁵, conta com 11 profissionais em seu *staff*. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro, as funções parecem mais delimitadas, visto que há um grupo de eletricistas, os quais: Dino Ramirez (Chefe), Noel Loretto (Encarregado), Cesar Rodrigues, Fabiano Brito, Igor Scoralick, Paulo Ignácio, Ricardo Brito e Rosimar Lima, além dos operadores de luz: Daniel Ramos, Jairo Martins e Paulo Ornellas.

Parece não haver um padrão de modelo para as equipes técnicas de Iluminação Cênica dos teatros. No caso do Palácio das Artes em Belo Horizonte que sedia grandes produções cênicas, há um único gerente de tecnologias do espetáculo: Ronaldo Coelho. O profissional responde pelo funcionamento da luz, sonoplastia, entre outros. Sabe-se que o teatro tem grande capacidade cenotécnica mas numa primeira consulta, não fica claro nem se há um vínculo empregatício ou para quais funções seriam contratados os necessários funcionários que atuam nessa estrutura.

Há ainda outros teatros com grande circulação de produções que podemos citar aqui, é o caso do TUCA¹⁶ em São Paulo que apresenta um coordenador técnico de iluminação: Ronaldo Roberto N. Inglez, e no histórico Teatro Amazonas¹⁷, em Manaus que tem um grupo com sete técnicos de iluminação e dois eletricistas.

¹⁵ Coordenadora de iluminação do Theatro Municipal de São Paulo, é ex-aprendiz de Iluminação da SP Escola de Teatro e atua desde 2001 na criação de luz para diversos espetáculos na região metropolitana de São Paulo e Campinas, conforme verifica-se em sua página na web. A profissional utiliza os seguintes termos para definir sua atuação: light designer, light assistant, light console programmer e master electrician. (LOVATO, 2020).

¹⁶ O Teatro da Universidade Católica (TUCA) de São Paulo foi fundado em 1965, sendo um importante marco cultural para a cidade e para o país. Os acontecimentos artísticos, atos públicos e cerimônias promovidos no local foram tão significativos, o que justificou o tombamento do teatro como Patrimônio Cultural de São Paulo em 1998. Disponível em: <http://www.teatrotuca.com.br/historia.html> Acesso em: 21 abr. 2020.

¹⁷ O Teatro Amazonas é o principal símbolo cultural e arquitetônico do estado do Amazonas. Foi inaugurado no dia 31 de dezembro de 1896 e tombado como Patrimônio Histórico Nacional em 1966. Já passaram pelos palcos artistas internacionais, como o bailarino Mikhail Baryshnikov, e artistas nacionais, como Heitor Villa-Lobos, Milton Nascimento e Ana Botafogo. Disponível em: <https://cultura.am.gov.br/portal/teatro-amazonas/> Acesso em 21 abr. 2020.



As companhias podem ter iluminadores e técnicos e/ou operadores, conforme seu interesse e capacidade de contratação de pessoal. O que é fato, é que o operador de luz precisa saber as entradas e saídas de cena, as intensidades, o ritmo, as marcações e deixas. Pressupõe-se que ele participe de ensaios técnicos para operar a luz, conhecendo deste modo a encenação. Há iluminadores ou técnicos que fazem essa atividade conforme definido pelos responsáveis.

Ao buscarmos informação a respeito da formação em Iluminação Cênica no Brasil, percebemos que é necessário fazer um levantamento e reconhecimento mais minucioso e organizado para entender quem e onde estão os profissionais e as instituições brasileiras que oferecem formação, como são feitas, para que servem e se, há um mercado para absorver as pessoas capacitadas em Iluminação Cênica?

Do mesmo modo, é necessário entender quem são os profissionais e, se de fato, obtiveram formação específica em Iluminação Cênica. Fazendo-se igualmente necessário entender o campo de atuação profissional. Em face desses questionamentos, percebemos a necessidade de um mapeamento da área, o que nos levou à atuação em Iluminação Cênica no Brasil: instituições, empresas, equipes e profissionais da luz para o desenho da cena - como objeto deste estudo.

Recentemente, eventos acadêmicos têm se dedicado a discutir a produção na área de Iluminação Cênica, é o caso do catarinense *A LUZ em Cena*, o seminário *História, política e cena: tecnologia e cena política*, desenvolvido na UFSJ ou o *Seminário de Iluminação Cênica*, da SP Escola de Teatro. Promovem a publicação e divulgação científica e apontam para a necessidade de ampliação da pesquisa, ou nas palavras de Nosella sobre o tema em evento científico realizado na UNIRIO: “ainda é pouco abordado na academia de modo geral”¹⁸.

No que concerne às artes da cena, este trabalho se faz pertinente uma vez que o levantamento e mapeamento da atuação dos profissionais da Iluminação Cênica, têm nos colocado diante de dados que podem revelar aspectos do papel e das funções de Iluminador, técnico ou operador de luz em relação ao mercado de trabalho e suas condições de atuação, bem como os contextos da formação desses profissionais o que fará emergir as condicionantes sociopolítico-cultural dos contextos explorados.

De natureza qualitativa, a pesquisa em desenvolvimento abrange o exaustivo

¹⁸ O evento *A Iluminação Cênica: um campo de pesquisa com espaço para avançar*, foi organizado em 2018, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pelo Dr. Berilo Nosella. Notícia sobre o evento disponível em: https://www.ufsj.edu.br/noticias_ler.php?codigo_noticia=6870. Acesso em: 21 abr. 2020.



levantamento dos profissionais: iluminadores, *light designers*, operadores de luz e eletricitas que atuam na Iluminação Cênica no Brasil, caracterizando-se como uma catalogação e organização de dados.

Para tanto, definimos como critério de separação e ordenação dos dados tabelas para as funções profissionais de Iluminador, técnico e/ou operador de luz quanto a sua incidência nos diversos grupos e instituições profissionais, de ensino e/ou acadêmicas. De modo que, foram organizadas planilhas por similaridade, recorrência ou singularidade no âmbito artístico, profissional, educacional ou da pesquisa científica.

Durante o desenvolvimento, observou-se a necessidade de uma análise estatística em função do volume de dados. Sendo assim, definimos as variáveis que constituem as pessoas e o campo no qual os agentes representados nas categorias pré-definidas atuam:

Dos grupos que oferecem formação com ou sem certificação, os quais compõem duas subcategorias: Instituições de Ensino e Empresas do segmento de iluminação que oferecem cursos;

Do campo de registro da atuação profissional e associações de classe, que compõem a subcategoria: Associações, Cooperativas e Sindicatos;

Do campo de atuação profissional: Teatros por capitais regionais e dos estados brasileiros, Companhias e grupos de Teatro, Dança, Artes da Cena e Circenses em geral;

Das pessoas, docentes, independentes e autônomos;

As variáveis foram organizadas em seis planilhas. A primeira planilha contém 4 variáveis, porque além da categoria definida como **A) Pessoas: Docentes, Independentes e Autônomos** - que constitui uma variável e corresponde ao nome da planilha, também contém as categorias pré-definidas: Iluminadores ou *Light Designers*, Técnicos e Operadores de Luz, que se constituem como outras 3 variáveis distintas.

Para a variável **B) Dos grupos que oferecem formação com ou sem certificação**, foram organizadas duas planilhas, as quais constituem duas subcategorias: B1) Instituições de Ensino e B2) Empresas do segmento de iluminação que oferecem cursos; Para a variável **C) Do campo de atuação profissional e registro em associações de classe**, foram organizadas três planilhas, as quais constituem três subcategorias: C1) Associações, Cooperativas e Sindicatos; C2) Companhias e grupos de Teatro, Dança, Artes da Cena e Circenses em geral e C3) Teatros por capitais regionais



e dos estados brasileiros. As variáveis B e C correspondem aos campos onde a categoria A e as categorias Iluminadores ou *Light Designers*, Técnicos e Operadores de Luz foram coletadas.

Essas planilhas são dinâmicas e, são reorganizadas sempre que observarmos a incidência das funções de Iluminador, técnico, operador de luz, nos diferentes contextos. Do mesmo modo, elas contêm as empresas, instituições, equipe ou grupos em relação a, primeiro como aparece definida a função ou ocupação do profissional da iluminação e, depois, em face de suas atribuições para determinado contexto de atuação.

A revisão bibliográfica tem acompanhado todo o processo de realização da pesquisa, sendo que na primeira etapa concentrou-se nas produções dos professores pesquisadores e teóricos expoentes da área de Iluminação Cênica no Brasil, constituindo-se como fontes secundárias, as quais consultadas para que se pudesse se averiguar o estado da arte no meio acadêmico na pesquisa brasileira exclusivamente.

No que tange à fundamentação teórica, trazemos como *a priori* o texto a Obra de Arte Viva, de Appia (1959), por seu pioneirismo nas proposições da luz em cena. Appia apontava que a arte dramática se constitui por diversas linguagens, entretanto ele analisa separadamente cada elemento. As propostas do autor desenvolvem-se a partir das necessidades do corpo do ator em cena, o que provoca uma reformulação do espaço cenográfico teatral, colocando a iluminação e a cenografia como bases fundamentais desse processo, buscando dar novas formas e espacialidades ao ambiente cenográfico no palco teatral, estando disponíveis para a exploração do ator. Com isso, a iluminação deixa de ser um mero instrumento e passa a interferir e integrar o espaço cênico, propiciando sombras, profundidades e volumes. Criando atmosferas diferentes para os espaços construídos tridimensionalmente na cena.

O corpo não é apenas móvel: é plástico também. Essa plasticidade coloca-o em relação directa com a arquitectura e aproxima-o da forma escultural, sem poder, no entanto, identificar-se com ela, porque é móvel. Por outro lado, o modo de existência da pintura não pode convir-lhe. A um objecto plástico devem corresponder sombras e luzes positivas, efectivas. Diante de um raio de luz, de uma sombra, pintados, o corpo plástico conserva-se na sua própria atmosfera, nas suas próprias luz e sombra. É o mesmo que se passa com as formas indicadas pela pintura; essas formas não são plásticas, não possuem três dimensões; o corpo tem três; a sua aproximação não é possível. As formas e a luz pintadas não têm, pois, lugar na cena; o corpo humano recusa-as (APPIA, p.13, 2005).



De modo geral em seus estudos, Appia afirma que a luz é no espaço uma expressão perfeita da realidade viva. Sendo a cor, um derivado da luz, podendo então observar a força da cor apenas pela luz. Levando em consideração o exposto, suas propostas arquitetônicas na composição da cenografia, fizeram com que Appia preferisse a monocromia em seus cenários que passaram a ser valorizados pelos recursos da iluminação. Conseqüentemente, quando o autor retira a cor de seus cenários, ele atribui à iluminação a função de trazer cor para a cena.

Que restará então, da pintura, uma vez que, apesar de tudo, parece que ela pretende a sua parte na arte integral? A cor, provavelmente. Mas a cor não é apanágio exclusivo da pintura; poderia mesmo afirmar-se que, na pintura, a própria cor é fictícia, na medida em que lhe compete imobilizar um instante de luz, sem poder seguir o seu raio nem a sua sombra no seu curso. A cor, de resto, está tão intimamente ligada à luz, que é difícil separá-las; e, como a luz é móvel no mais alto grau, a cor tem de o ser igualmente. Eis-nos pois longe da pintura! Porque se a cor é nela uma ficção, também a luz o será; e tudo quanto a pintura pode pedir à verdadeira luz é torná-la visível o que não tem nada que ver com a vida luminosa. Um quadro bem iluminado é um conjunto fictício de formas, de cores, de claridades e de sombras, apresentado sobre uma superfície plana, que se colocou o mais favoravelmente possível em evidência e não na obscuridade. E é tudo (APPIA, p.13, 2005).

Complementam nosso referencial, as ideias do professor Tudella (2013) por reunir e atualizar o pensamento sobre Iluminação Cênica. Para a exploração do material coletado nos valem da técnica de análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2002), a qual está sendo conduzida a partir da categorização que é um modo de classificação dos elementos que constituem um conjunto, por diferenciação e por reagrupamento segundo a analogia, através dos critérios predefinidos: a relação função/atuação do profissional da Iluminação Cênica nos contextos de atuação.

Inicialmente, as categorias reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, determinados por características em comuns. A categorização foi decidida e fixada conforme os dados emergiram, adotamos a classificação semântica, uma vez que serão verificados aspectos das circunstâncias contextuais dos dados e a lexical por considerarmos a classificação dos termos segundo o seu sentido. O agrupamento das informações será definido por sua recorrência ou singularidade, bem como a presença ou ausência de uma dada característica no conteúdo irá classificá-la. Ao final será realizada uma análise interpretativa.

Nosso objetivo é identificar a formação, profissionalização e atuação dos profissionais e das



instituições públicas e privadas que desenvolvam iluminação no desenho da cena: shows, espetáculos de dança, teatro, ópera, musicais, orquestras nos diversos espaços de representação/apresentação, tais como: teatros, anfiteatros, arenas, palcos abertos, espaços urbanos, cenas itinerantes, ambientes internos e/ou externos brasileiros. Mais especificamente, localizar quais são as empresas, equipes, instituições e profissionais atuantes no Brasil, em quais regiões estão.

Essa tarefa envolve o mapeamento das equipes, empresas que desenvolvam tecnologia; Instituições de ensino, pesquisa e atuação, cursos, capacitações que oferecem certificação ou diplomação na área de Iluminação Cênica no Brasil. Foi feita uma primeira checagem em plataformas *online*: e-mec, sindicatos, autarquias, redes sociais, bibliotecas, entre outros. Buscamos registros nas produções acadêmicas, companhias artísticas, profissionais, secretarias de cultura e educação, além das indicações voluntárias dos profissionais contactados no decorrer do levantamento. Para tanto, ficou delimitado o período de 2015 a março de 2020 o que compreende os últimos 5 anos de atuação.

A partir disso é que estamos organizando um registro digital das empresas, equipes, instituições e profissionais encontrados no levantamento. Na próxima etapa, será realizada uma análise interpretativa dos dados levantados para produzir um documento propositivo para a criação de um curso de formação em Iluminação Cênica. Para incrementar este registro, com o suporte técnico da Via e Caminhos Sustentáveis, a Dra. Rosana Pimenta desenhou e implementou o aplicativo **artspeedoflight** o qual permite o cadastro voluntário dos profissionais da área de iluminação proporcionando a indexação de nomes, empresas e currículos na plataforma denominada Arte na Velocidade da Luz (<http://artenavelocidadedaluz.com.br/>) conectar pessoas e serviços. Sendo que, o aplicativo é uma ferramenta *Open Source*, gratuita, sem fins lucrativos e está disponível para os usuários e interessados em geral. Espera-se ainda que, a pesquisa em curso concretize um levantamento que contribua para traçar um panorama da área, dar pistas sobre o papel dos profissionais da Iluminação Cênica em relação ao mercado de trabalho e suas condições de atuação. Ademais, revelar aspectos dos contextos da formação para o desempenho das funções de Iluminador, técnico ou operador de luz.



A pesquisa tem favorecido a criação de laços de colaboração técnico científica com instituições com expertise nas áreas de conhecimento em Ambiente Construído, Cenografia, Dança e Sociedade e Divulgação Científica. Organizamos no segundo semestre de 2020, pelo Departamento de Artes e Humanidades (DAH), da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas: mestrado acadêmico do Departamento de Artes da Cena da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), de duas mesas-redonda realizadas *online* e veiculadas nas redes sociais¹⁹, com a temática Iluminação & Arte: diálogos sobre formação e profissionalização, que contou com a participação de palestra dos Iluminadores Paulo César Medeiros²⁰ e Rodrigo de Assis Costa²¹, dos docentes Dr. Berilo Luigi Deiró Nosella²² e Dra. Letícia Mendes de Oliveira (Letícia Andrade)²³, tendo as conversas mediadas pela Dra. Rosana Pimenta.

Outra ação realizada é a idealização e desenvolvimento do game quiz **Luna Lumen**²⁴ que orbita temas como história e literatura dramática, estrutura arquitetônica dos espaços cênicos, iluminação cênica, aspectos técnicos, tecnológicos, científicos, culturais e materiais da Arte e da Iluminação.

A expectativa com nosso levantamento é de proceder uma análise mais profunda em prol da compreensão da área frente ao cenário social atual, contribuindo também para identificar a

¹⁹ O projeto conta uma página no Facebook: @iluminacaocenicabrasil e um perfil no instagram: #artenavelocidadedaLuz para os quais produzimos conteúdo de difusão científico-cultural em vídeos curtos que apresentam aspectos da pesquisa realizada, informações sobre as artes da cena, teatro, dança, ópera e visualidade da cena em geral ao grande público.

²⁰ Artista que tem em seu histórico a luta pelo reconhecimento do profissional da Iluminação, sendo um dos criadores da Associação Brasileira de Iluminadores Cênicos (ABRIC). Em sua trajetória de 35 anos de carreira, realizou mais de 1.000 projetos de iluminação os quais lhe renderam indicações a diversos prêmios, tendo sido vencedor por cinco vezes do prêmio Shell de Teatro.

²¹ Design de Interiores pela Faculdade Cambury – GO (2012), especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura - FABEC – GO (2013), iluminador efetivo da Universidade Federal de Goiás – UFG, responsável pela iluminação dos espetáculos dos cursos de Artes Cênicas, Música e Direção de Arte, é colunista da revista “Luz & Cena”, além de atuar como docente nos cursos de especialização do IPOG e da Faculdade Unicuritiba, na pós-graduação Arquitetura de Iluminação.

²² Professor de Iluminação Cênica e Direção Teatral, atuando na área de Teoria, Análise e História e Historiografia do Texto e da Cena Teatral, do Curso de Graduação em Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas: mestrado acadêmico do Departamento de Artes da Cena da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ.

²³ Conhecida no meio artístico como Letícia Andrade, professora efetiva do DEART/IFAC, da Universidade Federal de Ouro Preto, na área de teoria da encenação e iluminação e professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do IFAC/UFOP.

²⁴ No prelo, o aplicativo está em fase de teste e servirá num primeiro momento como ferramenta pedagógica para a disciplina DAN 172 - Desenho Teatral, ministrada pela Dra. Rosana Pimenta, em modo remoto no ano de 2021.



presença dos profissionais da Iluminação Cênica no âmbito da produção artístico-cultural-científica, vislumbrando modos de atuar no contexto de produção de trabalhos em dança, teatro, ópera ou audiovisual em um mundo pós pandemia.

Numa tentativa de conclusão parcial, destacamos que é possível já em termos preliminares, perceber como o campo profissional da iluminação cênica vem se constituindo historicamente em nosso país com força e amplitude, porém, não a ponto ainda de se delinear claramente como uma classe profissional claramente definida e auto reconhecida. Neste sentido, inferimos que a questão da formação, como posta inicialmente em termos de questão, realmente se afirmar como problema tanto prático – como e que tipos de cursos precisamos implementar em nosso país? – quanto sócio-histórico – quais sentidos os referidos cursos teriam no campo ampliado de um projeto educacional pedagógico brasileiro. Esperamos retomar estas questões em outras etapas de desenvolvimento da pesquisa.

Referências

APPIA, A. **A Obra de Arte Viva**. Lisboa: Editora Arcádia, 1959.

BARDIN, L. **A Análise de Conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2002.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei 6.533**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Brasília: CN, 1978.

BRASIL Congresso Nacional. **Lei 9.610**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília: CN, 1998.

BRASIL Congresso Nacional. **Lei 13.123**. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília: CN, 2015.

CAMARGO, R. G. **Luz e Cena: processos de comunicação co-evolutivos**. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, São Paulo, 2006.



CAMARGO, R. G. **Conceito de Iluminação Cênica**. Rio de Janeiro: Ed. Música & Tecnologia, 2012.

CÂNDIDO, T. A **Iluminação na construção da visualidade da cena**: um olhar sobre a imagem, a cor e a luz no espetáculo “Saúde de mim” da Focus Cia. de Dança. 2018. Monografia (Bacharelado em Dança) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

LOVATO, V. **Portifólio de Valéria Lovato** Disponível em: <https://valerialova.to/> Acesso em: 21 abr. 2020.

NOSELLA, B. Por uma história do pensamento sobre o fazer da iluminação cênica moderna: a cena além do humano. **Urdimento**, Florianópolis, v.1, n.31, p.20-37, Abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/1414573101312018020>. Acesso em: 21 abr. 2020.

PEREZ, V. **Desenho de Iluminação de Palco: Pesquisa, Criação e Execução de Projetos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SIMÕES, C. F. **À luz da linguagem. A iluminação cênica**: de instrumento da visibilidade à ‘Scriptura do visível’ e outras poéticas da luz. 2013. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2013.

TEATRO AMAZONAS. **Sítio do Teatro Amazonas**. Disponível em: <https://cultura.am.gov.br/portal/teatro-amazonas/> Acesso em 21 abr. 2020.

TUCA. **Sítio do Teatro da PUC-SP**. Disponível em: <http://www.teatrotuca.com.br/historia.html> Acesso em: 21 abr. 2020.

TUDELLA, E. Práxis cênica como articulação de visualidade: a luz na gênese do espetáculo. 2013. **Tese** (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

TUDELLA, E. Design, cena e luz: anotações. **Revista Alberto**, São Paulo, n. 3, p. 11, 2012. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/caderno-de-luz/arquivos/01.pdf>.

Recebido em: 30/03/2020
Aprovado em: 23/06/ 2021

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Artes – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br